

POEMA

PEDRO PAULO DE

SENA MADUREIRA

Quem,
da sombra saído
à sombra regressado,
se obstina em tecer
de palavras
as coisas achadas,
nossa voz ainda não silenciada?

Quem,
treva a treva sobre abismos,
detém no mundo os sismos
e em nosso corpo escora
escombros sobre sonhos?

(De nossa paixão
vingam versos justos?
O súbito cintilar do amor em nossas mãos
ilumina o coração deserto?
Que muros em nós se investem
e no poema pagam seus custos?)

Quem,
sem qualquer magia,
inventa a rude alquimia
que no ouro cava feridas
e em nossas lágrimas colhe pus?

(Sabemos?
Supomos?
Cantar agasalhada?
Gritar é melhor mortalha?)

Não nos iludam porém
seus textos:
da sombra saídos
à sombra regressados
estamos todos nus.

Como uma porrada no estômago.
Como rígido relho contra o corpo
que não se rende
e a calma petrificada de quem em si
tudo se range urra arde
e não espera
o consolo menor de cinzas que sobram.

Como um escuro todo escuro
acúmulo de vazio sobre vazio
e a soma de assomos de uma dor
que a tanto doer
se anula no avesso
de todo passado prazer

Como o que tanto se isenta de si
que ruir construir roer sonhar criar discutir
citar vencer sucumbir ou apenas enfim dormir
— o mesmo bruto cristal a cegar
o rosto que nele se vê e o vê
e se confunde e tudo volta a não ser
no carvão de um órfico se.

Como um bicho todo esturricado,
espasmos escarros entranhas
como pálido acomodado pó,
um deserto e sua afanosa população de vermes
a passear secretos sua clara escrita,
riscos assépticos como de mão estrita
que escrevesse versos sem reversos,
higiene de areia secamente esperta,
alfabetos como enigmas a ninguém por ninguém propostos,
e uma aragem de flores, discreta,
sinal de que, homens, estamos por perto.